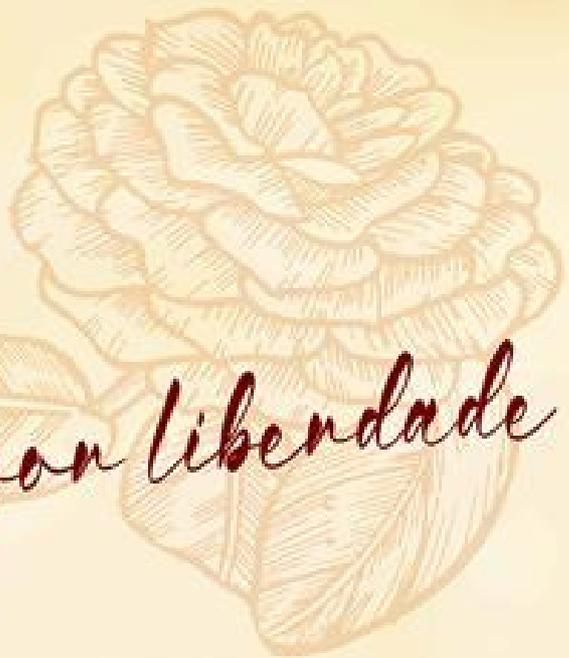


Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



Adão

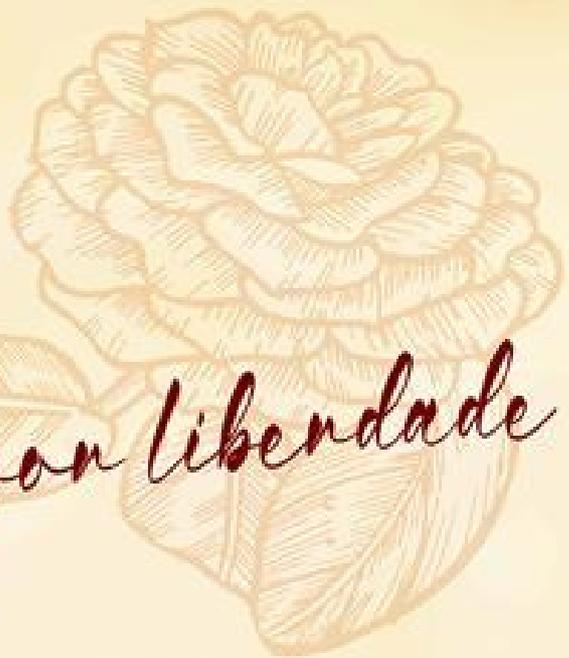
Embora haja poucos registros sobre a história de Adão, as investigações conduzidas por Isadora Moura Mota indicam que ele nasceu como escravo no Brasil, provavelmente filho de africanos, e possuía pele parda. As pesquisas também revelam que ele liderou uma revolta negra nos sertões do norte de Minas Gerais, na região da comarca do Serro, próxima a Diamantina. Esse movimento foi descoberto em 1864.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

VEJA TAMBÉM: Clóvis Moura; Isadora Moura Mota

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



Agostinha

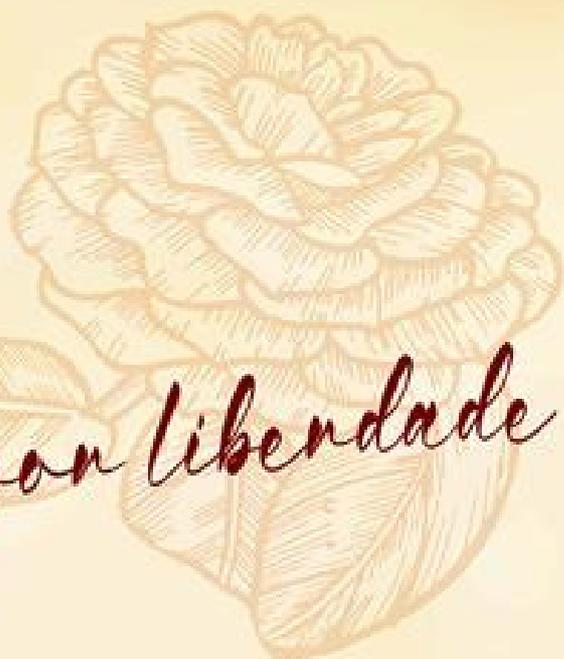
O estudo de Elciene Azevedo (1973-) nos apresentou a história de Agostinha, que nasceu como escrava no Brasil durante o segundo quartel do século XIX. Em 1857, suas queixas foram publicadas no jornal *Avassoyaba*, revelando o cotidiano de violência em uma fazenda de café em Campinas. Agostinha denunciou a existência de um cemitério clandestino na fazenda, chamado de "cemitério de escravos assassinados". Essas revelações desencadearam um debate público na sociedade campineira, preocupando os fazendeiros locais com o possível aumento do "ânimo da escravatura" na região.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

VEJA TAMBÉM: Elciene Azevedo, Maira Chinelo Alves; Maria Helena P. I. Machado; Robert W. Slenes.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



Ambrósio, Bateeiro e Isidoro

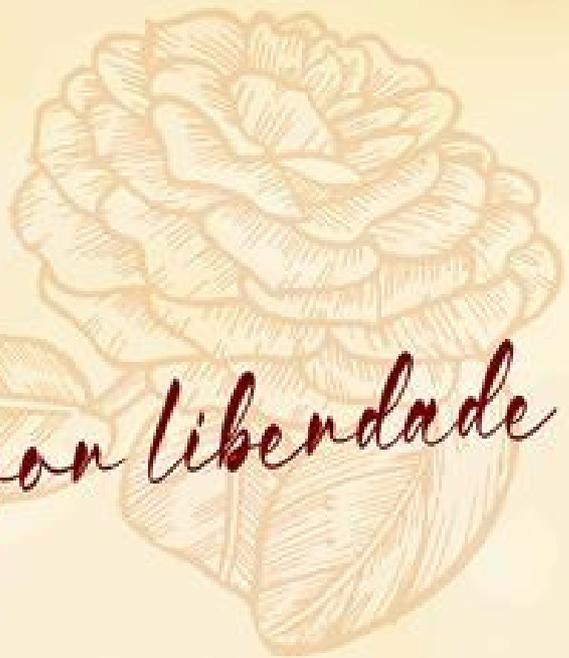
Durante o século XVIII, três líderes se destacaram: Ambrósio, Bateeiro e Isidoro. Ambrósio, o mais famoso e documentado, liderava o quilombo chamado Quilombo Grande, localizado na região de Rio das Mortes entre as décadas de 1730 e 1740. A partir de meados de 1740, medidas repressivas sistemáticas foram tomadas contra ele. O nome "quilombo do Ambrósio" já era amplamente conhecido na paisagem colonial de Minas Gerais desde o final da primeira metade do século XVIII.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

CONSULTE TAMBÉM: Aires da Mata Machado Filho; Ana Lúcia Duarte Lanna; Carlos Magno Guimarães, Clóvis Moura; Francisco Vidal Luna; Iraci del Nero da Costa; Liana Maria Reis; Miguel Costa Filho; Waldemar de Almeida Barbosa.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



Arthur Rocha

Um influente intelectual gaúcho do século XIX, cuja contribuição para o teatro brasileiro é muitas vezes esquecida.

Ele nasceu em 1859, filho de pais humildes, e apesar de começar sua educação aos treze anos, destacou-se como jornalista e escritor. Fundou seu próprio jornal e participou ativamente de movimentos antiescravistas, enfrentando ataques raciais. Além de suas atividades jornalísticas, Rocha escreveu várias peças teatrais, algumas delas abolicionistas, que foram apresentadas em várias cidades do Brasil.

Ele também trabalhou como funcionário público e, apesar de ser processado por desvio de verbas, foi absolvido. Rocha faleceu em 1888, sendo um exemplo importante de intelectual negro em uma sociedade marcada pela escravidão e pelo preconceito.

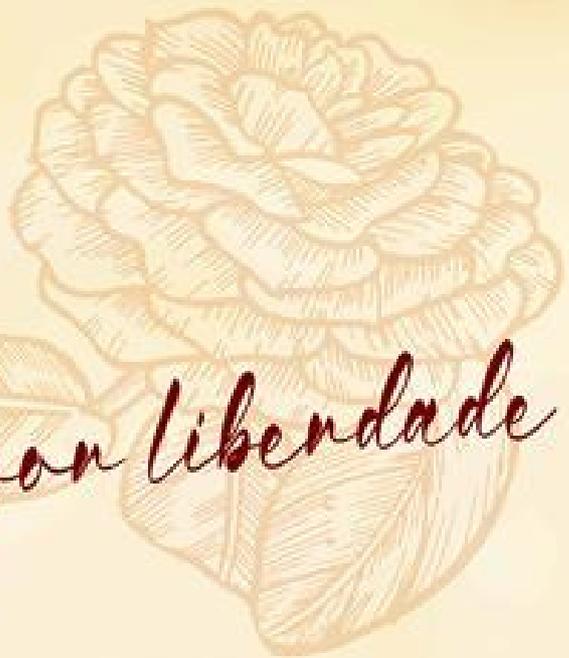
Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

CONULTE TAMBÉM: Cássia Daiane Macedo da Silveira;

Isabel Silveira dos Santos; Marcus Vinicius de Freitas Rosa.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



Augusta e Ubaldina Anna da Conceição

Duas irmãs, Augusta e Ubaldina, que eram escravizadas em Salvador em 1872. Augusta, propriedade de um desembargador, juntou dinheiro para comprar sua liberdade e a de sua irmã. Ubaldina, ao saber do plano, foi enganada por um conhecido chamado Carlos Hermes, que a convenceu a emprestar o dinheiro para ele. A compra da alforria era comum no Brasil, mas somente após a lei do Ventre Livre em 1871, os escravizados tiveram o direito legal de libertar-se usando um pecúlio. A história das irmãs reflete as complexas relações familiares entre os escravizados na época.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

CONSULTE TAMBÉM: Arnold Wildberger; Isabel Cristina Ferreira dos Reis; Robert W. Slenes; Sidney Chalhouo.

Bárbara Gomes de Abreu e Lima

No século XVIII, em Sergipe e Sabará, Minas Gerais, Bárbara Gomes de Abreu e Lima, uma mulher negra que foi escravizada em Sergipe del Rei, conseguiu sua liberdade e tornou-se uma próspera empreendedora em Minas Gerais. Em 1735, Bárbara registrou seu caso notável ao declarar sua autocompra nas Minas, adquirindo uma casa no centro de Sabará, uma área rica. Ela tinha uma ampla rede de amizades e negócios em várias regiões das Gerais e na Bahia. No seu testamento, Bárbara listou uma variedade de objetos, incluindo balangandãs, amuletos usados por mulheres negras forras e escravizadas. Esses objetos tinham significados culturais e religiosos profundos, representando poder, devoção e proteção. Alguns itens, como aljôfares, corais e tecidos exóticos, eram valiosos no comércio internacional do século XVIII.

Bárbara viveu em um sobrado na rua principal de Sabará, possuía várias propriedades, ouro, tecidos raros e vários cordões de ouro. Ela exemplifica o sucesso econômico das mulheres negras libertas e como gerenciavam seus negócios e patrimônios. Sua história destaca a resiliência e a habilidade das mulheres negras na construção de suas próprias vidas e identidades em um contexto de escravidão e discriminação racial.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

CONSULTE TAMBÉM: Eduardo França Paiva; Museu do Ouro; Superinteressante.

Benedito Meia-Légua

Benedito Meia-Légua é uma figura lendária do Espírito Santo, cuja história é contada em narrativas populares e livros didáticos. Embora não haja informações precisas sobre sua origem, ele liderou um quilombo no Vale do Cricaré a partir da década de 1870. Benedito era devoto de São Benedito e ficou conhecido por sua habilidade em escapar de perseguições, suportar castigos e, segundo lendas locais, até ressuscitar em uma ocasião.

Uma das histórias mais notáveis conta que Benedito foi capturado, espancado e dado como morto. No entanto, durante um ritual da cabula, uma prática religiosa de origem africana que surgiu no Espírito Santo no século XIX, ele teria ressuscitado, o que aumentou sua reputação como uma figura imortal.

Em 1885, durante um período em que rumores sobre revoltas de escravizados circulavam em São Mateus, houve uma grande repressão aos quilombos locais, e Benedito teria falecido nesse contexto. As lendas e histórias sobre sua vida foram transmitidas por mestres da marujada e de outras tradições locais, preservando seu legado como um símbolo de resistência negra na região do Espírito Santo.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

CONSULTE TAMBÉM: Maciel de Aguiar; Robson L. M. Martins; Yuko Miki.

Benjamim de Oliveira

Benjamim de Oliveira nasceu em 1870 numa fazenda em Pará de Minas, Gerais, onde sua mãe, Leandra de Jesus, ainda era escravizada. Na infância, ele trabalhava com tropeiros e vendendo bolos em circos itinerantes. Após fugir de um circo em Minas Gerais, ele se juntou a uma companhia em Mococa, São Paulo, onde começou sua carreira como palhaço e se tornou um artista versátil, atuando como ator, compositor, cantor e diretor de espetáculos teatrais.

Benjamim teve uma carreira diversificada, participando de diversas produções teatrais, incluindo dramas, comédias e operetas. Ele trabalhou em circos renomados como Spinelli, Democrata e Dorby, além de contribuir para a produção teatral traduzindo lundus da época. Apesar de suas realizações, enfrentou dificuldades financeiras na velhice e, com a ajuda da pressão da imprensa e deputados, conseguiu uma pensão do governo federal. Benjamim de Oliveira faleceu em 1954, aos 84 anos, em condições quase miseráveis. Sua trajetória representa um capítulo pouco conhecido da cultura circense no Brasil.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

CONSULTE TAMBÉM: Daniel Marques da Silva; Erminia Silva; Geledés; Luis Felipe Kojima Hirano; Museu Afro Brasil; Nei Lopes.

Caetana

Caetana, uma escravizada no Brasil do século XIX, recusou-se a aceitar um casamento forçado imposto pelo seu proprietário, o fazendeiro Luís Mariano de Tolosa. Embora os casamentos de escravizados não fossem legalmente reconhecidos, registros históricos indicam que esses casamentos ocorriam em várias paróquias do país desde o século XVII. A pesquisa de Sandra Lauderdale Graham apresentou o caso de Caetana, nascida no Brasil, possivelmente filha de africanos chegados entre 1810 e 1820.

Caetana vivia em uma fazenda no Sudeste escravista, onde a demanda por africanos escravizados era alta. Ela tinha um status especial como mucama na fazenda, mas foi forçada a se casar com um escravizado chamado Custódio. Ambos eram parte de uma "elite de escravizados" devido às suas ocupações especializadas, mas Caetana recusou a vida marital com Custódio e buscou a anulação do casamento por meio de um processo judicial entre 1836 e 1840.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

CONSULTE TAMBÉM: Sandra Lauderdale Graham.

Caetano da Costa

No ano de 1792, em Minas Gerais, uma investigação foi realizada para descobrir as atividades de Caetano da Costa, um africano natural de Angola acusado de feitiçaria e de praticar magia nas regiões mineradoras por onde viajava. Conhecido como Pai Caetano, ele era considerado um curador, feiticeiro mágico e enganador, além de calundzeiro. Muitos escravizados e libertos que se tornaram seus seguidores acreditavam em seus feitiços e embustes. Pai Caetano era móvel, residindo em várias comarcas e freguesias próximas a Vila Rica, nas Gerais coloniais. Ele tinha uma rede de relações com pessoas de diferentes origens, incluindo escravizados, brancos livres e libertos. Em suas posses, foram encontrados objetos de devoção católica, como paramentos, orações escritas, escapulários, cruzes e pedras, que eram reinterpretados a partir de perspectivas africanas, incorporando elementos da escrita. Seu acervo incluía uma grande quantidade de orações escritas, indicando a fusão de práticas religiosas católicas com tradições africanas, refletindo o sincretismo religioso da época.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

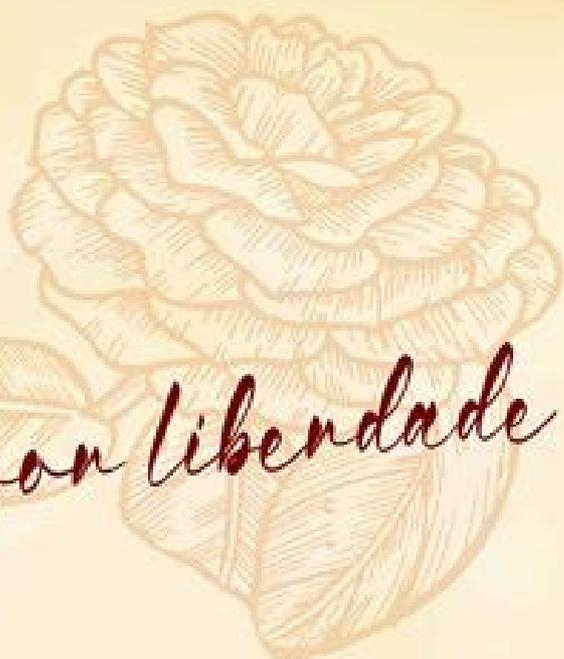
Esperança Garcia

No século XVIII, Esperança Garcia, uma escravizada casada que trabalhava na fazenda dos Algodões no Piauí, escreveu uma carta datada de 6 de setembro de 1770, encontrada pelo historiador Luiz Mott. Na carta, Esperança expressou suas vontades, desejos e expectativas. Ela trabalhava em uma fazenda que fazia parte de uma rede de propriedades destinadas à pecuária, administrada por militares e burocratas portugueses. Na carta, Esperança pediu para não ser transferida para outra fazenda, pois não queria se afastar de sua família e amigos. Ela mencionou ter fugido algumas vezes, sendo castigada por isso, e destacou a importância da instrução religiosa para ela e suas parceiras escravizadas. Esperança também reclamou que seus filhos não foram batizados e expressou seu desejo de viver com seu marido e batizar sua filha. A carta de Esperança Garcia é considerada o mais antigo documento supostamente escrito por um escravizado no Brasil, refletindo seu desejo por liberdade e direitos básicos.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



Estevão Pimenta e Felipe Santiago

Estevão Pimenta e Felipe Santiago foram figuras importantes no Sudeste escravista do século XIX, envolvendo-se em sociedades secretas, conspirações e cultos de origem africana. Estevão Pimenta foi associado a um plano de revolta escrava em Vassouras, em 1847, liderado pelos Tates Corongos, enquanto Felipe Santiago, libertado em 1880, esteve envolvido na organização da sociedade secreta Arásia em Campinas. Ele pregava doutrinas subversivas, influenciando escravizados com a ideia de que estavam injustamente mantidos em cativeiro, pois a era da escravidão já tinha acabado. Ambos são exemplos das lutas e resistências dos africanos e seus descendentes no Brasil durante o período escravista.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lília M. Schwarcz.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



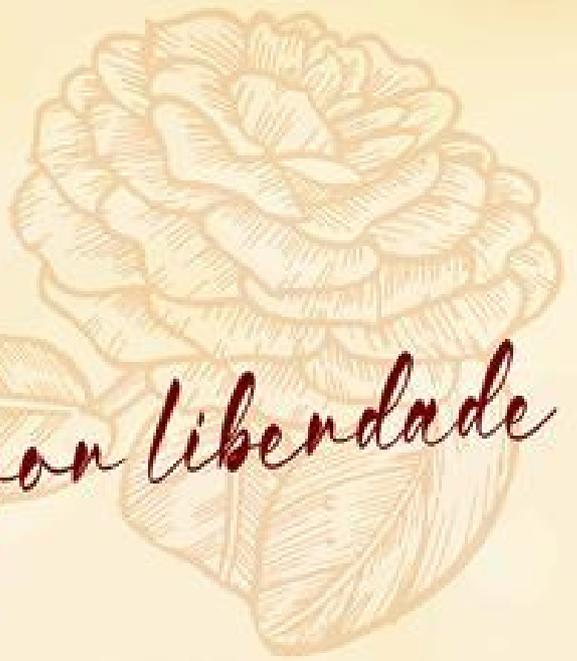
Estevão Silva

Estêvão Roberto da Silva, filho de escravizados africanos, foi o primeiro pintor negro formado pela Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro. Ele estudou com renomados mestres e, apesar de seu talento, enfrentou discriminação racial. Em 1879, após não receber o primeiro prêmio em uma exposição, protestou publicamente, sendo posteriormente suspenso da Academia por um ano. Seu protesto revelou o preconceito racial na sociedade brasileira. Estêvão Silva inovou no gênero de naturezas-mortas, incluindo frutas tropicais e nacionais, mas sua notoriedade foi limitada. Ele lecionou no Liceu de Artes e Ofícios e foi membro do Grupo Grimm, mas sua biografia é pouco conhecida, e seu nome é pouco reconhecido nas artes brasileiras. Ele faleceu em 1891 no Rio de Janeiro.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



Eva Maria de Bonsucesso

No século XIX, no Rio de Janeiro, Eva Maria do Bonsucesso, uma mulher negra alforriada e quitandeira, tornou-se protagonista de uma briga judicial. Em 1811, ela confrontou um homem branco, José Inácio de Sousa, responsável por uma cabra que havia roubado alimentos de seu tabuleiro. Após uma discussão acalorada, Eva foi agredida por José Inácio. Ela levou o caso à Justiça, apresentando testemunhas que confirmaram a agressão. O agressor foi preso, mas alegou que a cabra pertencia ao príncipe da Beira, futuro imperador D. Pedro I. O desfecho da petição é desconhecido, mas Eva Maria do Bonsucesso se destacou como uma quitandeira poderosa, desafiando a agressão e a injustiça da época.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

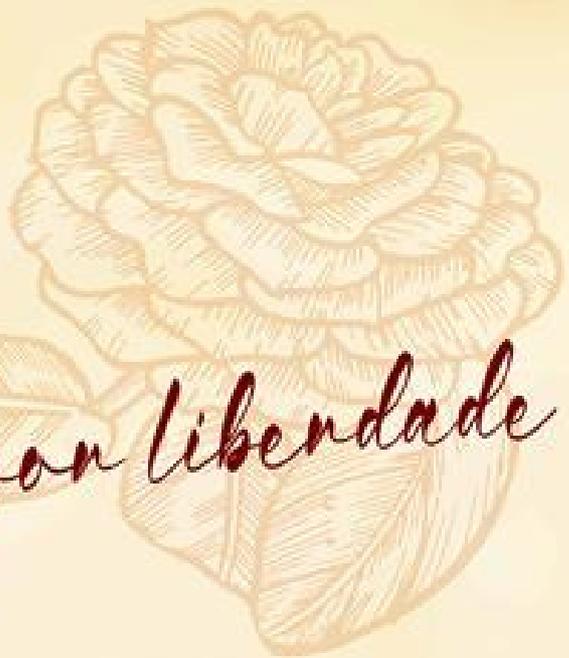
Felipe Maria Aranha

No século XVIII, na região de Cametá, Pará, a africana Felipa Maria Aranha liderou um quilombo composto por mais de trezentos escravizados fugitivos, chamado quilombo do Mola ou Itapocu. Ela era provavelmente originária da Costa da Mina e foi capturada e levada para trabalhar como escrava em uma plantação de cana-de-açúcar. Em 1750, ela fugiu com outros escravizados e estabeleceu o quilombo, que se destacou pela organização política, social e militar. Sob a liderança de Felipa, o quilombo resistiu à repressão colonial, expulsou as forças portuguesas e ataques de capitães-do-mato. Ela também estruturou uma confederação de cinco quilombos chamada Confederação do Itapocu. A luta do quilombo do Mola só cessou quando Portugal ofereceu perdão político e declarou os quilombolas súditos da Coroa. Após a morte de Felipa em 1780, o protagonismo das mulheres negras na resistência quilombola continuou, evidenciando a subestimada importância histórica das mulheres negras em movimentos de resistência. As terras do quilombo de Felipa Maria Aranha só foram legalmente reconhecidas em 2013.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



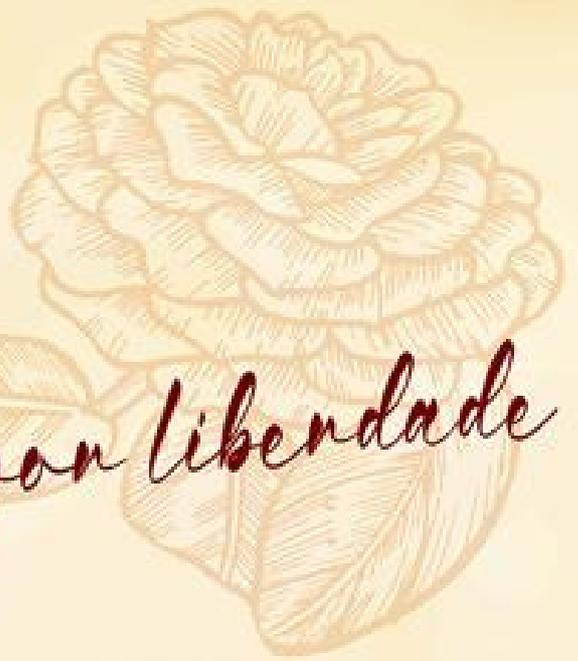
Felix Soares

No final do século XVIII, Félix Soares, um africano na capitania do Rio Grande do Norte, foi acusado de liderar a conspiração “dos negros do Congo”. Juntamente com Domingos Tavares, um índio letrado, Félix entrou em contato com líderes negros dos Henriques. As autoridades coloniais mencionaram a existência de “projetos dos negros do Congo”, mas os detalhes exatos da conspiração permanecem desconhecidos. Os escravizados na província falavam abertamente sobre liberdade, esperando ser libertados pela lei portuguesa de 1773. Eles acompanhavam eventos e disputas políticas na metrópole, esperando por mudanças legais que os beneficiassem. Durante a repressão, Félix negou qualquer envolvimento na conspiração.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência
e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



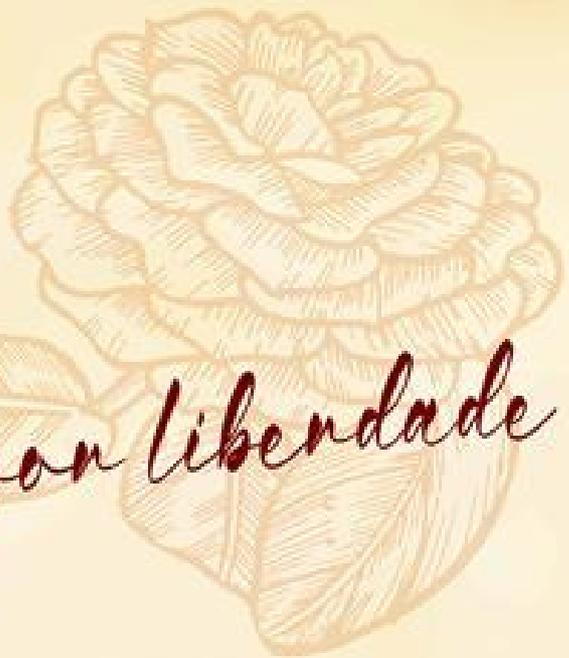
Firmino Monteiro

Firmino Monteiro, nascido em 1855 no Rio de Janeiro, era um artista negro de família pobre. Após trabalhar em diferentes empregos, estudou na Academia Imperial de Belas Artes com renomados mestres. Em 1880, realizou uma viagem à Europa patrocinada por D. Pedro II. Ao retornar, lecionou pintura na Bahia e Salvador, dedicando-se à paisagem e ganhando prêmios. Suas pinturas, embora integradas, refletiam uma profunda melancolia. Ele também pintou obras religiosas e históricas, mas recebeu pouco reconhecimento nesses gêneros. Firmino Monteiro faleceu em Niterói em 1888, antes de concluir uma tela encomendada sobre a abolição da escravidão.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



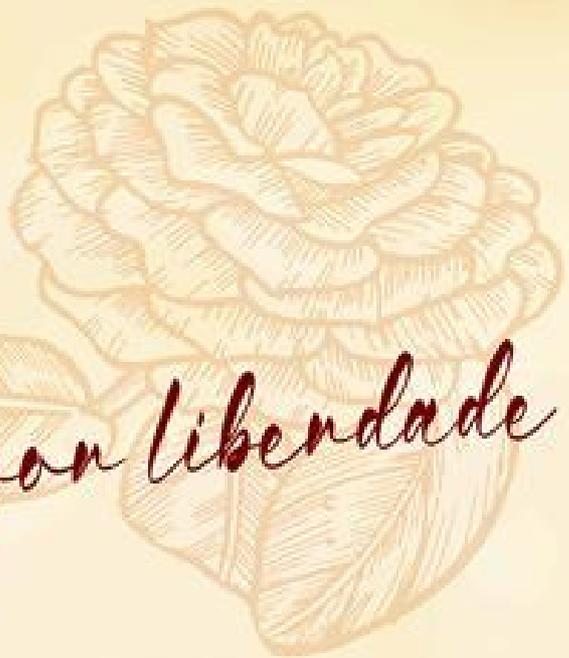
Francisca

Na Salvador do século XIX, ocorreu uma significativa série de insurreições lideradas por africanos, sendo a revolta de 1814 uma das mais importantes. Nesse levante, a africana haussá Francisca, intitulada “rainha”, desempenhou um papel fundamental. Ela liderou cerca de duzentos rebeldes, incluindo quilombolas, contra as armações de pesca de baleia nas proximidades de Salvador. Francisca e seu companheiro, Francisco Cidade, conectavam rebeldes da cidade com outros na região, estabelecendo comércio e obtendo respeito. Nove outras mulheres, a maioria haussás, também estiveram envolvidas na revolta. Ludovina Nago confessou seu papel na batalha e foi condenada a cem açoites, junto com outras cativas, por sua participação na insurreição.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência
e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



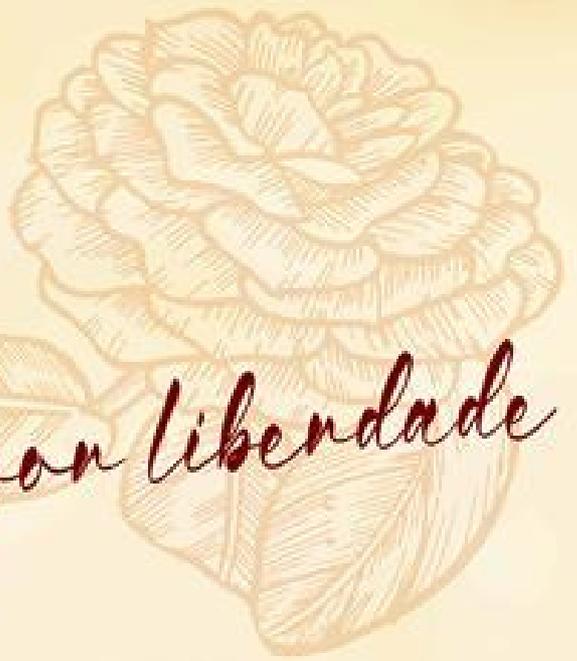
Hilária e Madalena

No século XIX, em Mocajuba, Pará, surgiram mocambos e quilombos, comunidades de fugitivos e desertores. Hilária e Madalena foram líderes dessas comunidades. Após um ataque em 1823, Hilária e Madalena foram capturadas e revelaram redes comerciais e solidariedade dos fugitivos, ligando Belém a várias regiões do Tocantins. Eles realizaram fugas coletivas, contatos com cativos nas senzalas e comerciantes em Belém. As histórias detalhadas dessas líderes quilombolas, incluindo seu destino e processo legal, permanecem desconhecidas. Os mocambos de Mocajuba continuaram a existir, articulando-se com pequenos grupos de fugitivos que se estabeleceram na região e integraram suas práticas econômicas às paisagens locais.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



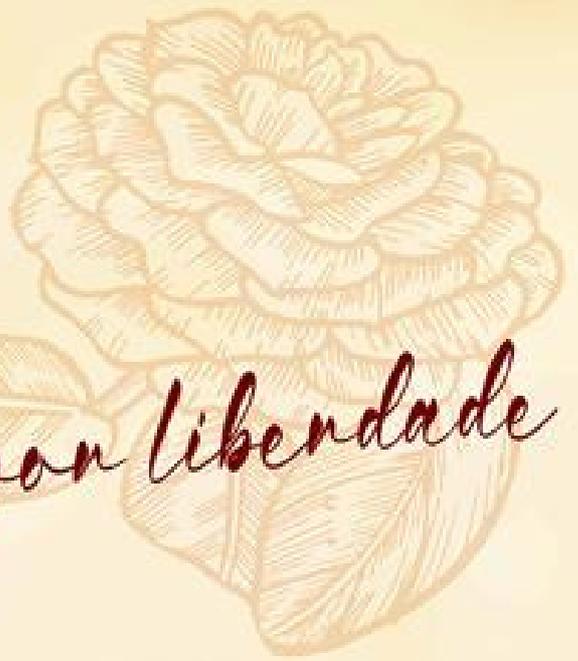
Luís Gama

Luiz Gama (1830-1882) foi um renomado abolicionista negro brasileiro, filho de uma africana liberta. Após ser vendido como escravizado por seu próprio pai, conseguiu provar sua liberdade em 1847. Tornou-se militar e posteriormente advogado, atuando fortemente na causa da libertação dos escravizados. Além de sua atuação nos tribunais, Gama foi um escritor e jornalista influente, contribuindo significativamente para a abolição da escravidão no Brasil. Ele enfrentou ataques e ameaças devido ao seu ativismo, mas seu legado como defensor da liberdade e igualdade é amplamente reconhecido. Ele faleceu em 1882 aos 52 anos.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência
e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



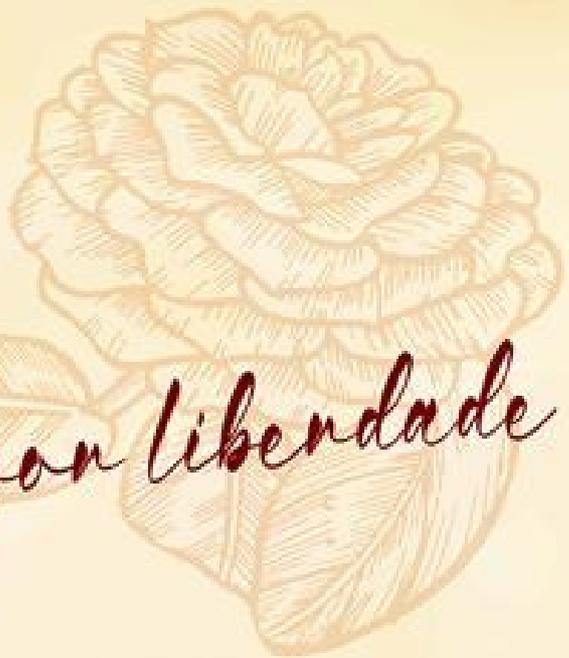
Luiza Mahin

uma africana do século XIX que viveu em Salvador e Rio de Janeiro. Em 2019, uma lei a reconheceu como heroína, mas pouco se sabe sobre sua vida. Ela pode ter participado da Revolta dos Malês de 1835, embora não haja registros concretos. Na Bahia, africanos ocidentais como nagôs, jejes e haussás eram predominantes, e muitos estiveram envolvidos na revolta. Mulheres africanas também apoiaram o levante. Luiza Mahin desapareceu após ser deportada ou refugiada no Rio de Janeiro, e sua história é envolta em ficção, mito e possibilidades históricas, como retratado no romance de Pedro Calmon.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



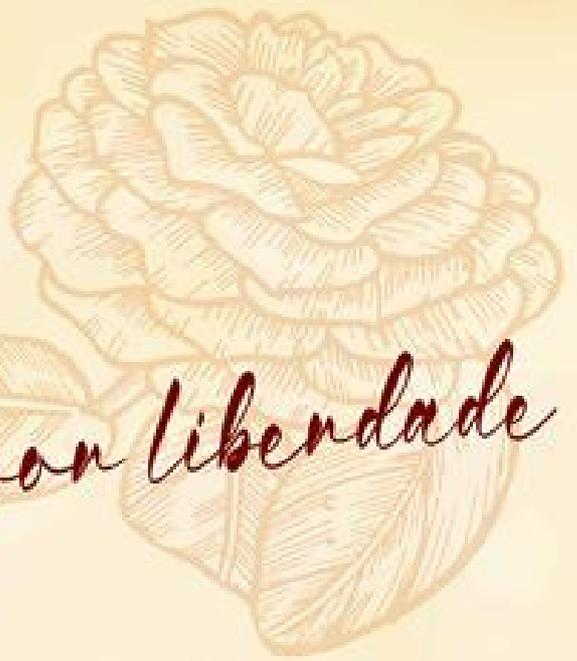
Manuel Congo

uma africana do século XIX que viveu em Salvador e Rio de Janeiro. Em 2019, uma lei a reconheceu como heroína, mas pouco se sabe sobre sua vida. Ela pode ter participado da Revolta dos Malês de 1835, embora não haja registros concretos. Na Bahia, africanos ocidentais como nagôs, jejes e haussás eram predominantes, e muitos estiveram envolvidos na revolta. Mulheres africanas também apoiaram o levante. Luiza Mahin desapareceu após ser deportada ou refugiada no Rio de Janeiro, e sua história é envolta em ficção, mito e possibilidades históricas, como retratado no romance de Pedro Calmon.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



Gertrudes Maria

Gertrudes Maria, uma mulher negra livre na Paraíba do século XIX, conquistou sua liberdade por meio de alforria, mas viveu em uma liberdade condicional, sendo obrigada a permanecer leal a seus senhores até a morte deles. Após enfrentar disputas judiciais, ela tentou provar sua liberdade condicional, mostrando o valor inicialmente pago e a ilegalidade de sua venda em leilão público. Gertrudes era uma quitandeira solteira, e seu esforço para garantir sua liberdade é evidente nos registros judiciais que revelam sua mobilização socioeconômica para adquirir sua liberdade. As disputas legais duraram catorze anos, durante os quais Gertrudes lutou para assegurar seu direito à liberdade, formalizado por uma carta de alforria e acordado com seus senhores.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



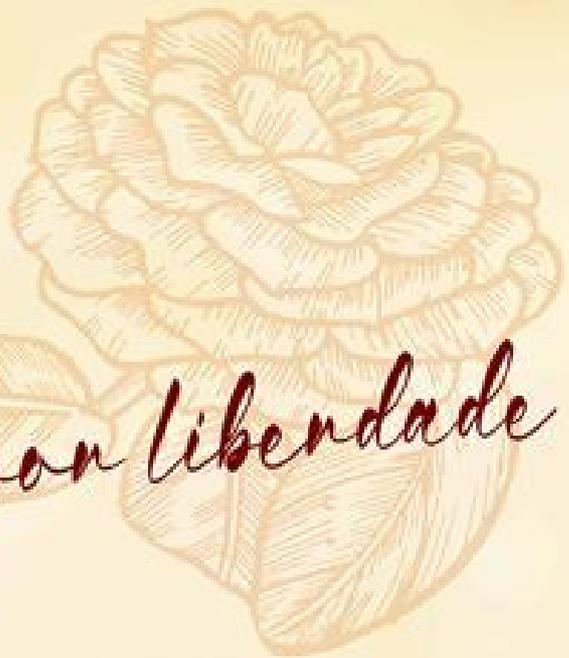
Gregório Luís

Gregório Luís, provavelmente nascido livre ou liberto na Bahia no século XVIII, foi preso em 1790 por liderar um protesto de escravizados na fazenda de Santana. Ele foi um dos autores do famoso "Tratado do Engenho de Santana", um documento coletivo que reivindicava melhores condições de trabalho. Os escravizados exigiam direitos como ter dias livres para cultivar suas roças, realizar festas sem autorização prévia e controlar suas próprias atividades. Gregório Luís foi preso em 1806 e seu destino final é desconhecido. O protesto e a escrita desses escravizados refletiram a luta por seus direitos e autonomia, marcando suas opiniões sobre o controle do trabalho e a vida em suas comunidades..

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência
e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



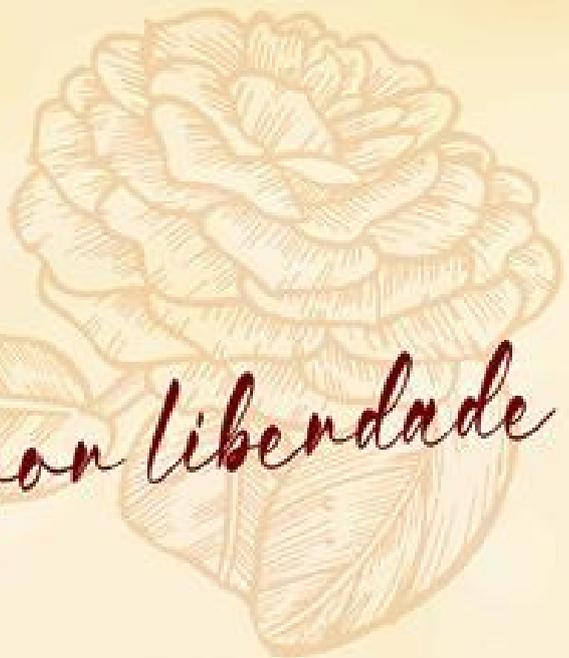
Grácia Maria da Conceição Magalhães

Grácia Maria da Conceição Magalhães, uma africana ocidental, era uma pequena empreendedora no Rio de Janeiro do século XVIII, produzindo e vendendo farinha de mandioca. Após se alforriar, ela prosperou com suas roças de mandioca e tinha escravizados. Em seu testamento de 1789, deixou sua propriedade, incluindo uma casa de farinha e ferramentas, para seus cativos e legou parte de seus bens a um ex-escravizado. Ela adotou o sobrenome de seu antigo senhor, Luís de Magalhães, após sua alforria..

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.

Consciência
e visibilidade

caminhos de luta por liberdade



Ventura Mina

Em 13 de maio de 1833, Ventura Mina, um escravo da Fazenda Campo Alegre, liderou mais de 30 escravos em uma revolta nas fazendas dos Junqueira, família influente na região de Carrancas, Cruzília e São Tomé das Letras, em Minas Gerais. Os Junqueira, de grande importância socioeconômica e política, impunham um ritmo de trabalho intenso aos escravos devido ao crescimento das propriedades e ao aumento do número de animais e plantações para cuidar. A revolta foi uma resposta às condições de trabalho e ao compartilhamento de recursos entre os escravos.

Fonte: Enciclopédia Negra. Autores: Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia M. Schwarcz.